

BOLETIM ECONÔMICO

PERSPECTIVAS ECONÔMICAS
DA AGROPECUÁRIA NO
MATO GROSSO DO SUL

125^a Edição



Ciclos monetários e impactos das políticas de juros no agronegócio brasileiro.

Na edição n.º 125 do informativo econômico falaremos a respeito da conjuntura de um dos principais pilares que sustentam as relações de produção e de mercado em nosso agronegócio, a questão dos juros. Sem pretensão de tentar apontar erros e acertos em nossa política de juros, buscaremos neste artigo entender os vários momentos da conjuntura de juros nos anos pós-pandemia, visando compreender seus impactos sobre o agronegócio brasileiro.

Colocando em termos gerais, as taxas de juros nada mais são do que o preço do dinheiro, que por sua vez é o equivalente geral de todas as mercadorias e serviços que existem em nossa economia. Se as taxas se elevam, naturalmente, o acesso ao dinheiro, na forma de crédito, se reduz, sendo esta uma lógica que se reflete em todos os setores da economia brasileira, do artesão ao industriário. Sendo assim, o preço do dinheiro é o elemento que dita o quanto um setor pode ou não se desenvolver, e, em algum grau, o quanto um setor pode ou não ser sustentável diante da escassez de recursos próprios.

Ressalta-se que parte dos problemas enfrentados pelo agronegócio nos últimos anos têm ligação direta com esta variável econômica tão importante, haja vista que o crédito é um dos meios pelo qual o produtor rural custeia a sua safra e investe na modernização da atividade. Com isso em mente, olhando para a série histórica, vemos que em março de 2021 a taxa de juros dos títulos brasileiros iniciou uma trajetória de alta que se mostra aparentemente imparável. Saímos de uma taxa de juros de 2% ao ano em janeiro de 2021 para uma taxa de juros de 10,5% ao ano nos atuais patamares, e as sinalizações do Banco Central brasileiro apontam para a continuidade de novas altas.

Nesse sentido, vale a pena retomarmos os ciclos recentes de política monetária do Bacen de 2020 para cá. Em um primeiro momento, as altas de juros tinham por finalidade garantir a estabilidade da moeda brasileira frente aos custos inflacionários do combate a pandemia. Este trabalho exigiu um esforço de trabalho exemplar do então Presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto.



BOLETIM ECONÔMICO SRCG

Posteriormente, em meados de 2022, quando as condições econômicas já indicavam a possibilidade de cortes de juros no Brasil, os Estados Unidos, a pretexto de combater inflação, elevaram suas taxas de juros que, historicamente, trabalhavam próximas de zero, fazendo um efeito cascada que elevou as taxas de juros de Banco Centrais no mundo inteiro, aspirando liquidez em escala global.

As taxas de juros americanas saíram de 0,25% ao ano em fevereiro de 2022 para 5,5% em julho de 2023, patamares que só foram vistos em poucos momentos nos últimos 24 anos, mais precisamente na virada dos anos 2000 e entre os anos de 2006 e 2007, véspera de uma das maiores crises mundiais da história americana, mantendo-se assim até a presente data. O que de fato explica essa alta dos juros na principal economia do mundo é, certamente, a forte impressão monetário e aumento dos gastos públicos nos anos pós-pandemia. Por consequência, este foi o segundo momento do ciclo de juros no Brasil, que se viu obrigado a competir câmbio e prêmio de risco com os títulos americanos, para impedir a deterioração do real.

Ocorre que, para o bem ou para o mal, uma economia tão grande como a americana não poderia se desacelerar por muito tempo, pois geraria danos irreparáveis tanto em outras economias como a si própria. Isto ficou claro, mais recentemente, com a divulgação dos indicadores de desempenho do mercado de trabalho americano. No mês de julho deste ano, a criação de novas vagas de emprego na economia americana somaram 114 mil novos postos, contra uma expectativa de 175 mil dos mercados. Ao mesmo tempo, a taxa de desemprego dos americanos ficou em 4,3% em julho, contra uma estimativa esperada de 4,1%. Esses indicadores acenderam o alerta do presidente do FED, Jerome Powell, que já sinalizou ao mercado o início dos cortes de juros agora em setembro. O mercado financeira aposta em uma redução de 1p.p até o final do ano.

Isto nos leva ao terceiro momento do nosso ciclo monetário pós-pandemia. Estamos na iminência de uma notícia muito boa na conjuntura internacional. A queda dos juros americanos certamente é um elemento necessário para que o Brasil também comece o seu ciclo de cortes. Entretanto, as perspectivas para este terceiro momento de nossa política monetária ainda são desafiadoras. A indicação do nome de Gabriel Galípolo para o Banco Central ainda é uma incógnita, mas suas falas indicam um alinhamento com as políticas radicais de controle da inflação adotadas no país desde 2020.



@SINDICATORURALCG



WWW.SRCG.COM.BR

BOLETIM ECONÔMICO SRCG

Dada a conjuntura interna, o mercado financeiro acredita que apesar da queda dos juros nos Estados Unidos, o Brasil deve seguir subindo os juros por aqui. O JPMorgan, uma das principais instituições financeiras do mundo, estimou em 11,5% ao ano a taxa Selic brasileira, até o início de 2025, com as primeiras altas começando ainda em setembro, isto porque, apesar dos esforços empenhados até aqui, as expectativas de inflação na economia brasileira ainda se encontram acima da meta do Bacen.

Definitivamente, esta não é uma notícia boa para o agronegócio, pois configura a continuidade das políticas de encarecimento do acesso ao crédito rural no país. Mesmo agora, três anos depois do início do ciclo de alta dos juros brasileiros, estamos na iminência de novos aumentos, o que tende a restringir a capacidade dos produtores rurais de investir e de custear a sua produção. Em que pese os recursos do Plano Safra trazerem juros ligeiramente mais atrativos do que os praticados no mercado, pelo tamanho e dimensão de nosso setor, não chega a representar 25% da necessidade de recursos que o gigantesco agronegócio brasileiro necessita todos os anos.

Portanto, a manutenção de juros elevados no Brasil, em 2025, pode ser a âncora de mais um ano crítico para o agronegócio. Mais ainda, deve coincidir com a retomada de ritmo da economia global, momento em que a conjuntura interna precisaria estar bem alinhada para propiciar um bom aproveitamento do setor. Não queremos com isso instigar negligências em relação à inflação, mas dosar, nas decisões de política monetária do país, o impacto negativo que a atual política de juros vem causando em nosso setor. Assim, poderemos encontrar, adiante, um denominador comum que retire as amarras de nosso setor, fazendo com que o agronegócio brasileiro possa alcançar novos patamares de desenvolvimento.

Os Dados e informações apresentados neste boletim constituem conteúdo meramente informativo e não devem ser tomados como indicativos de compra e venda de ativos financeiros, ou realização de qualquer tipo de dispêndio, ou investimento. Cabe aos leitores a responsabilidade por quaisquer decisões tomadas a partir das informações aqui apresentadas. Assim, recomendamos aos nossos leitores e associados que avaliem com prudência as informações prestadas, buscando sempre tomar as melhores decisões para seu negócio. Com este quadro em mente, vejamos adiante como se comportaram os preços agropecuários na última semana.



@SINDICATORURALCG



WWW.SRCG.COM.BR

CLIMA



O Centro de Monitoramento do Tempo e do Clima de Mato Grosso do Sul (CEMTEC) divulgou o seu informativo com dados relativos às condições meteorológicas observadas em Mato Grosso do Sul.

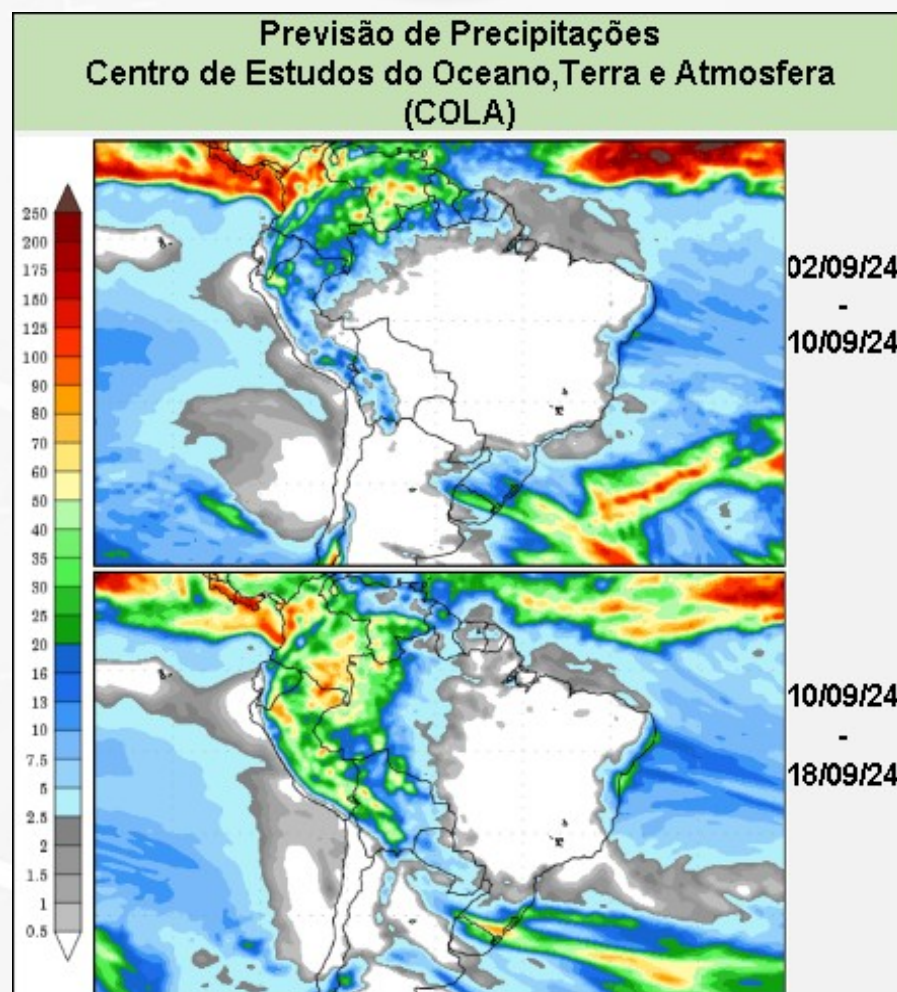
Segundo o Cemtec, a previsão do tempo para os dias 02 a 05 de setembro indica tempo estável, com sol e variação de nebulosidade. São esperadas temperaturas menores associadas a frente fria. As temperaturas deverão variar entre 10°C e 42°C nas diversas regiões de Mato Grosso do Sul.

No mês de julho, o clima em Mato Grosso do Sul apresentou temperatura mínima de 1°C (Iguatemi) e máxima de 38°C (Corumbá), estando dentro deste intervalo 24 municípios avaliados pelo estudo. A umidade relativa do ar em Mato Grosso do Sul variou entre 13% (Coxim, Corumbá, Água Clara e Sonora) e 22% (Aral Moreira).

Conforme aponta o Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), as precipitações acumuladas nos últimos 5 dias variaram entre 0,5 e 3 milímetros nas diversas regiões do estado. Os maiores volumes foram registrados no extremo Norte do estado. Já os menores índices foram registrados em quase todo o território de Mato Grosso do Sul.

As previsões de precipitações do Centro de Estudos do Oceano, Terra e Atmosfera (COLA), para o período de 02 a 10 de setembro, indicam chuvas acumuladas entre 0 e 0,5 milímetros. Os mapas climáticos estimam ausência de chuvas em praticamente todo o território de Mato Grosso do Sul.

Para os dias 10 a 18 de setembro, as previsões indicam chuvas acumuladas entre 0,5 e 2 milímetros. Os maiores volumes deverão incidir sobre as regiões Oeste e extremo Sul do estado. Já os menores índices deverão recair sobre as regiões Norte, Leste, Centro e Centro-Sul de Mato Grosso do Sul.



Fonte: Inmet, Cemtec/Semadesc, COLA - George Mason University.



SOJA



O mercado futuro da soja apresentou uma semana positiva no mercado internacional. Ao longo da semana, os preços do contrato setembro/2024 oscilaram entre US\$ 9,39/bushel e US\$ 9,87/bushel, fechando a semana em US\$ 9,82/bushel, o equivalente a R\$ 121,46/saca. A taxa de câmbio fechou a sexta-feira no campo positivo, cotada a R\$ 5,61/dólar.

Em Mato Grosso do Sul, os preços no mercado físico da soja apresentaram forte valorização. As cotações variaram entre R\$ 124,80/saca (São Gabriel do Oeste e Sidrolândia) e R\$ 126,00/saca (Campo Grande), fechando a média semanal em R\$ 125,37/saca.

Na Lar Cooperativa de Dourados, a cotação da soja iniciou a semana em R\$ 117,50/saca.

Com novidades do lado da demanda, os preços da soja apresentaram uma fonte alta no mercado interno, balizados por melhora significativa no cenário externo, marcado por preços mais altos, maior demanda da China e forte alta do dólar frente ao real.

Apesar do forte apetite chinês, o cenário de oferta da soja americana segue sendo um elemento de forte pressão para os preços internacionais da oleaginosa.

Preços da saca de soja no Mato Grosso do Sul e CBOT				
Cidades	Média Semanal	Preço 30-08-2024	Bolsa Chicago 30-08-2024	
Campo Grande	R\$ 126,00	R\$ 130,00	set/24	R\$ 121,46
Dourados	R\$ 125,40	R\$ 131,00	nov/24	R\$ 123,70
Maracaju	R\$ 126,10	R\$ 130,00	jan/25	R\$ 125,78
Ponta Porã	R\$ 125,10	R\$ 130,50	mar/25	R\$ 127,63
São Gabriel do O.	R\$ 124,80	R\$ 128,00	Var. Dólar em R\$	
Sidrolândia	R\$ 124,80	R\$ 128,00		
Média Estadual	R\$ 125,37	R\$ 129,58	23/08	R\$ 5,49
			30/08	R\$ 5,61



Fonte: Portal Notícias Agrícolas, Portal Investing.



MILHO

Os futuros do milho tiveram uma semana positiva na B3. O contrato setembro/2024 oscilou entre R\$ 59,73/saca e R\$ 60,60/saca, fechando a semana em R\$ 61,70/saca.

Em Chicago, os preços do milho apresentaram alta nas cotações. Ao longo da semana, o contrato setembro/2024 oscilou entre US\$ 3,60/bushel e US\$ 3,78/bushel, fechando a sexta-feira em US\$ 3,78/bushel ou R\$ 50,10/saca.

Nas praças de Mato Grosso do Sul, os preços da saca de milho apresentaram ligeira alta. As cotações variaram entre R\$ 48,40 (Campo Grande e Sidrolândia) e R\$ 51,00 (Dourados), fechando a média semanal na casa dos R\$ 49,30/saca.

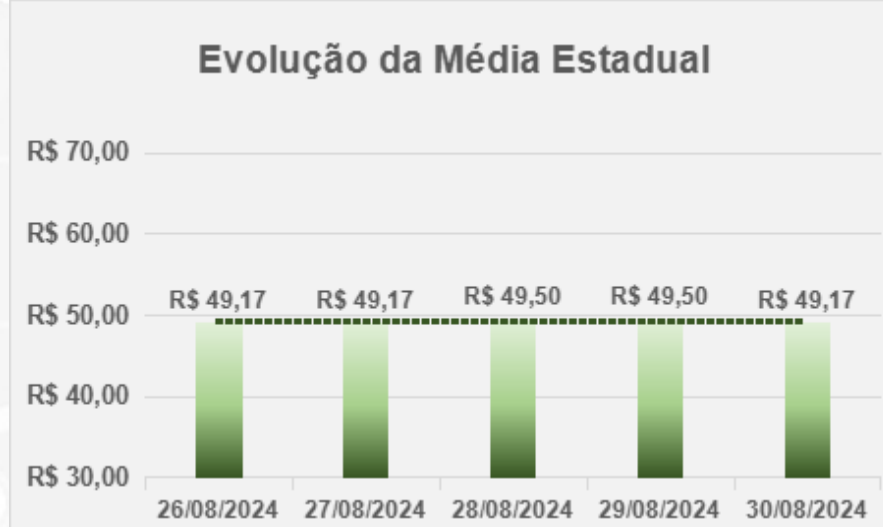
Na Lar Cooperativa de Dourados, a cotação do milho iniciou a semana em R\$ 46,30/saca.

No Mato Grosso do Sul, de acordo com o Projeto Siga-MS, até a data de 23/08/2024 foram colhidos 94,4% da área total de milho projetada no estado.

A semana fechou com cotações positivas para os preços do milho nos mercados futuros, ancorados em uma valorização tanto dos grãos em Chicago como do dólar frente ao real. Ainda assim, o ritmo de negociação segue lento, o que garante poucas oscilações positivas no mercado físico. Os produtores estão dosando a oferta e apostando em uma valorização mais forte do milho físico neste segundo semestre.



Preços da saca de milho no Mato Grosso do Sul e Futuros				
Cidades	Média Semanal	Preço 30-08-2024	Bolsa Chicago 30-08-2024	
Campo Grande	R\$ 48,40	R\$ 48,00	set/24	R\$ 50,10
Dourados	R\$ 51,00	R\$ 51,00	dez/24	R\$ 53,13
Maracaju	R\$ 50,00	R\$ 50,00	mar/25	R\$ 55,54
Ponta Porã	R\$ 49,00	R\$ 49,00	B3 (Pregão) 30-08-2024	
São Gabriel do O.	R\$ 49,00	R\$ 49,00		
Sidrolândia	R\$ 48,40	R\$ 48,00	set/24	R\$ 61,70
Média Estadual	R\$ 49,30	R\$ 49,17	nov/24	R\$ 63,80
			jan/25	R\$ 67,27



Fonte: Portal Notícias Agrícolas, Portal Investing.



LEITE

A cadeia do leite apresenta conjuntura de alta nos preços pagos ao produtor de leite no Mato Grosso do Sul.

Dados do CEPEA mostram que a média de preços pagos ao produtor de leite no Brasil apresentou alta de 10,33%, atingindo a marca de R\$ 2,71 por litro de leite vendido aos laticínios em maio e recebido em junho deste ano.

No Mato Grosso do Sul os dados da pecuária leiteira disponibilizados pela Famasul e pela Ateg/Senar mostram que os preços médios pagos aos produtores foram de R\$ 2,24/litro para produção entre 0 a 100 litros, de R\$ 2,41/litro para produção entre 100 a 300 litros e de R\$ 2,51/litro para produção acima de 300 litros. Os preços são referentes ao leite vendido no mês de julho deste ano.

Em julho, o índice do leite (Sefaz/Semagro) apresentou queda de -1,24% nos preços dos lácteos aqui no estado. Para o leite Spot, a variação foi de -5,39%. No leite pasteurizado houve alta de 6,26%. Para o leite UHT a variação foi de -5,37%. Já a muçarela operou com alta de 1,52%.

O SRCG realizou um levantamento mensal de preços do leite com produtores em diversas localidades do estado e obteve médias de R\$ 1,95/litro na região Norte, R\$ 2,16/litro na região Sul, R\$ 2,02/litro na região Centro, R\$ 1,90/litro na região do Leste e R\$ 1,80/litro na região Oeste do estado. Estes preços são referentes ao leite captado em março e pago em abril de 2024.

Nosso levantamento mostrou também que a região Oeste do estado segue apresentando a menor média dentre as cinco regiões, devido à ausência de laticínios e maiores custos com frete na região. Já a região Sul seguiu apresentando a maior média do estado, em vista da concorrência de laticínios como Mana, Camby e Vencedor na região, além de disputas com empresas do Paraná, que atualmente praticam preços mais elevados em relação à Mato Grosso do Sul.

Apesar das altas sequenciais observadas nos últimos meses, persistem no horizonte perspectivas desafiadoras para o setor leiteiro, em função da continuidade de fatores como uma conjuntura internacional baixista e isenção de impostos para as importações do Mercosul.



Fonte: Detec/Sistema Famasul, Sefaz/Semadesc, Senar-MS, SRCG, Cepea.



BOVINOS

O mercado físico da carne bovina em Mato Grosso do Sul apresentou alta nos preços da arroba do boi gordo e da vaca gorda. O preço obtido foi de R\$ 245,00/@ do boi gordo e R\$ 225,00/@ da vaca gorda. Esses preços são à vista e livres de impostos. As diferenças de cotação são reflexos de fatores existentes da porteira para fora, que interferem no mercado e alteram os preços nas diferentes regiões do estado.

Dados da logística de fretes divulgados pela Conab no mês de maio mostram que cargas originadas da região leste do estado com destino à região metropolitana de São Paulo (SP) circularam na casa dos R\$ 0,22 por km/ton. Já os fretes que partiram da região centro-norte do estado circularam na casa dos R\$ 0,21 por km/ton. Na região sudoeste, os fretes circularam na casa dos R\$ 0,18 por km/ton. Esses valores são recorrentemente atualizados pelas transportadoras consoante aos reajustes nos custos e no preço do óleo diesel. Na relação de venda aos frigoríficos, o produtor não costuma pagar pelo frete, mas leva esses valores em conta para estabelecer a viabilidade dos preços ofertados pelos frigoríficos de sua região.

No mercado de reposição, as cotações variaram em alguns dos segmentos. As altas foram verificadas nos mercados do Bezerro (2,11%), Bezerra (4,30%), Boi Magro (4,09%), Vaca Magra (1,53%), Novilha (1,25%) e Garrote (0,65%).

A relação de troca dos terminadores apresentou variação. Considerando um animal com 18 arrobas e o preço médio de R\$ 245,00/@, a relação de troca passou de 1,89 bezerros por boi gordo para 1,90 bezerros por boi gordo nesta semana.

O mercado do boi segue apresentando sustentação de preços, com altas pontuais diante dos recuos nas escalas de abate de frigoríficos locais. A perspectiva é de que o cenário altista no MS se sustente ao menos até a entrada dos lotes de confinamento, que devem chegar ao mercado em meados de outubro e novembro. Em Agosto, o indicador Boi Gordo Cepea/B3 acumulou alta de 3,12%.



2

Preços médios de nelores - Reposição Mato Grosso do Sul – 30/08/2024

Machos	Preço/cab (R\$)	Peso (kg)	Preço/kg
Bezerro	R\$ 2.327,00	240	R\$ 9,70
Garrote	R\$ 2.788,00	300	R\$ 9,29
Boi Magro	R\$ 3.077,00	375	R\$ 8,21
Fêmeas	Preço/cab (R\$)	Peso (kg)	Preço/kg
Bezerra	R\$ 1.650,00	210	R\$ 7,86
Novilha	R\$ 1.943,00	270	R\$ 7,20
Vaca Magra	R\$ 2.119,00	330	R\$ 6,42

Levantamento de preços da arroba - MS

Preços	19/08/2024	26/08/2024	02/09/2024
Boi Gordo	R\$ 240,00	R\$ 240,00	R\$ 245,00
Vaca Gorda	R\$ 220,00	R\$ 220,00	R\$ 225,00

Fonte: Scot Consultoria, JBS, Marfrig.



SUÍNOS



O mercado de suínos apresentou alta na última semana. No Mato Grosso do Sul os preços pagos ao produtor de suínos estabeleceram a média de R\$ 7,50/kg vivo, com defasagem de -0,39% em relação à média dos preços no Brasil. O indicador mostra que o movimento geral do mercado é de estabilidade, com altas pontuais diante de um período de expectativas positivas para o consumo.

Com relação às exportações do estado, dados do Ministério do Desenvolvimento mostram que no mês de maio foram exportadas 2.017 toneladas de carne suína, totalizando US\$ 3,45 milhões.

Na cotação atual, a relação de troca Suíno/grãos é de 3,47 kg de soja para cada 1 kg de suíno vivo e 9,15 kg de milho para cada 1 kg de suíno vivo.

Preços pagos ao produtor de Suínos - em R\$/kg			
Mato Grosso do Sul Agosto/2024	Média Brasil Agosto/2024		
R\$ 7,50	R\$ 7,53		
Exportações de Suínos no Mato Grosso do Sul			
Indicador	abr/24	mai/24	% var.
Receita (milhões/US\$)	4,46	3,45	-22,65%
Volume (ton.)	2284	2017	-11,69%
Relação de troca em Mato Grosso do Sul			
Troca/kg	22/08/2024	30/08/2024	% var.
Suíno/Soja	3,69	3,47	-5,96%
Suíno/Milho	9,15	9,15	0,00%

Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Notícias Agrícolas, Safras & Mercado, Cepea.

AVES



Os preços pagos por aves ao produtor independente no Mato Grosso do Sul circularam na casa dos R\$ 5,20/kg do frango vivo no mês de agosto. O montante apresenta defasagem de -5,45% na comparação com a média de preços do estado de São Paulo no mês de agosto deste ano. Segundo a Embrapa, no mês de maio, o ICP-Frango registrou queda de -4,04%, considerando a média dos últimos doze meses.

Dados do Ministério do Desenvolvimento mostram que Mato Grosso do Sul exportou 13,53 mil toneladas de carne de frango no mês de maio, gerando um montante de US\$ 26,60 milhões ao setor.

Na cotação atual, a relação de troca frango/milho é de 6,35 kg de milho para cada 1 kg de frango vivo.

Preços pagos ao produtor de Aves em R\$/kg			
Mato Grosso do Sul Agosto/2024	São Paulo Agosto/2024		
R\$ 5,20	R\$ 5,50		
Exportações do Mato Grosso do Sul			
Indicador	abr/24	mai/24	% var.
Receita (milhões/US\$)	33,00	26,60	-19,39%
Volume (mil/ton.)	16,74	13,53	-19,18%
Relação de troca em Mato Grosso do Sul			
Troca/kg	22/08/2024	30/08/2024	% var.
Frango/Milho	6,10	6,35	4,10%

Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Safras & Mercado.



BOLETIM ECONÔMICO

PERSPECTIVAS ECONÔMICAS
DA AGROPECUÁRIA NO
MATO GROSSO DO SUL

O Boletim é uma realização do Sindicato Rural de Campo Grande, Rochedo e Corguinho

Contato:

(67) 3341-2151

economiasrcg@gmail.com

Mídias sociais @sindicatoruralcg



PARCEIROS

